

Uma partilha sexual¹

Jacques-Alain Miller

I

Terminei o curso da última vez com um diálogo que me trazia a atualidade. Uma mulher diz: "Estou pronta para tudo". E um senhor responde, sob a forma de objeção: "Mais para não-tudo"².

O apólogo da mulher ao volante

Isto me foi ilustrado há pouco tempo, no momento em que eu me apressava em direção a este lugar, em um carro conduzido por uma mulher. Cheguei um pouco mais tarde do que costumo me atrasar, porque fomos parados pela polícia.

Estou ainda sob o impacto da surpresa ocasionada pela enumeração que saiu da boca do agente de polícia³ que, pulando de sua pequena caminhonete, num belo uniforme, especificou, para minha companheira, uma lista impressionante de infrações que ela havia acabado de cometer no percurso de um quilômetro - ter virado à esquerda, ter cortado a caminhonete policial na estrada, ter trocado de fila continuamente, até que, finalmente, ele conseguisse pegá-la e dizer que tinha que reter sua carteira de habilitação. Fato que não encontrou nenhuma objeção, a não ser o sorriso, a desolação, a submissão. E, para minha estupefação, depois desse "sabão" fomos liberados - eu já me via tão pequeno, imaginando, caso fôssemos levados, em alegar a desolação que seria espalhada nesta sala e a má imagem que resultaria disso por força das circunstâncias...

Sem dúvida, eu era conduzido por uma mulher quase capaz de tudo para me trazer até vocês, que, no entanto,

muito felizmente, havia parado antes de avançar um sinal vermelho. Delito que, evidentemente, não teria permitido nenhuma indulgência por parte dos poderes superiores.

Como eu estava, apesar de tudo, um pouco habitado pelos pensamentos que vou desenvolver diante de vocês, isso não pôde deixar de fazer um pequeno eco àquele surpreendente diálogo com o qual eu terminei, incisivamente, da última vez.

Reservemos esse incidente como um pequeno apólogo que vem ilustrar a margem que é finalmente autorizada às mulheres quando elas estão ao volante... que, aliás, elas conduzem muito bem, pois, apesar das diversas infrações, não se pode alegar contra a condutora nenhum acidente - crédito seu.

I - O DIÁLOGO DO TUDO/TUDO E DO NÃO-TUDO

Esse diálogo da última vez evoca um outro, aquele do masoquista e do sádico. O primeiro diz: - "Faça-me mal". E o segundo responde: - "Não".

Esse diálogo foi mencionado em seu *Seminário* por Lacan, que observa que os dois perversos em questão seriam, aparentemente, feitos para se entenderem, que eles seriam complementares, que tudo iria bem⁴ se eles não se falassem. Mas, ao exprimir o que é o seu gozo, eles introduzem uma desarmonia fatal, que traduz o fracasso da demanda emitida pelo primeiro, e que deve se contentar em sofrer por esse fracasso. Ele se vê frustrado da dor física que esperava e reclamava.

O diálogo do todo e do não-todo só se compreende quando se trata de dois locutores que são lacanianos. O homem supõe que a mulher o seja, para lhe objetar, assim, o conceito lacaniano do não-todo. Talvez ele subentenda que uma mulher digna desse nome, por mais analista que ela seja, uma verdadeira mulher - uma verdadeira mulher analista! - (isso vai longe), deve ater-se ao não-todo.

Mas, de maneira geral, o homem, ele mesmo analista, diz não ao todo.

Eu me opus, da última vez, ao senhor lacaniano, prosseguindo o diálogo num pequeno bate-papo, supondo que ele pensava que a mulher tinha ido longe demais, que ele procurava pará-la em seu embalo. ESe já a via escorregar em direção a não sei qual abominação que tornaria necessária - ao que assistimos - a descida da força pública para bloquear o projétil. O que parece implicar que o homem acredita que o não-todo é menos que o todo. Ele acredita, objetando com o não-todo - "por favor, senhora!" -, colocar um limite ao que a "pronta para tudo" abre como abismo. Com efeito, esse "pronta para tudo" desenha um horizonte sem limite, onde todos os fantasmas podem proliferar sobre as disposições da mulher e convém um pouco algemá-la ao não-todo: "até aqui, mas não mais longe".

O verdadeiro sentido do não-todo lacaniano

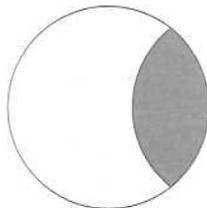
Esse episódio não é uma má ocasião, no curso destas lições, para lembrar passo a passo o verdadeiro sentido do não-todo lacaniano, que não é inteiramente feito para instalar uma reserva, uma fronteira, um limite, mais além do qual haveria transgressão.

Com o não-todo, precisamente, não há transgressão. O não-todo de Lacan não é feito para justificar as prudências, as acomodações, os discernimentos, os diversos arranjos que são, pelo contrário, - levando-se em conta o que diz Lacan -, o apanágio do masculino, racional.

Isso é um erro sobre o não-todo. O que pode servir como desculpa ao homem da história é que esse é, precisamente, o erro do macho sobre o não-todo. Esse erro não é, então, para ser imputado à sua subjetividade. É um erro de espécie, se posso dizer, que consiste em pensar o não-todo sob o modo do incompleto.

Isso pode ser representado assim. Aqui está um todo.

Formular um todo supõe uma unidade e exige, portanto, o que eu traço aqui como o limite que encerra um espaço. Desde que esboçamos esse traço de unidade, não vemos como se representaria o não-todo senão extraindo, separando, por um segundo limite, no interior do primeiro espaço, uma zona reservada que seria, por conseguinte, aquilo que não se permite: "até aqui, mas não mais longe".



E o homem pode dizer: - "Eu estou pronto para isso ou aquilo", na zona que é deixada aí livre, "mas não estou pronto para isso". Eis o esquema que suporta o não-tudo objetado ao tudo aventurado pela mulher.

Não há escândalo aí. Não há motivo para insurreição. Esse esquema reflete bem a ideia, a ideologia espontânea, segundo a qual o não-tudo, entendido como incompleto, é o que convém, por excelência, ao ser feminino.

A comparação imaginária dos corpos

Pode-se representar, dessa maneira elementar, a noção de que o ser feminino é pensado como diminuído, ou seja, marcado por um menos. Dou aqui a esta palavra "ser" o valor que evoquei da última vez, é o que suporta esse emprego. Mesmo se, no momento, não o faço valer, eu o lembro. Pode, de fato, parecer que o não-tudo - é o que faz sua pequena vacilação, seu pequeno cintilar - só faz retomar, ilustrar essa ideologia espontânea, que é uma maneira menos estigmatizante de dizer o ser feminino.

Se se trata de uma ideia, é uma ideia que se enraíza na comparação imaginária dos corpos. É dessa comparação imaginária que Freud fez surgir a descoberta da castração

do outro pela criança. Certamente, é um episódio da experiência infantil que pode se atingir, ser encontrado pelo analisando, e, via de regra, sob a forma do traumatismo.

A percepção dos órgãos genitais do outro tem sempre um caráter especial e se inscreve de uma maneira que, para a maior parte dos sujeitos, permanece, em seu aspecto primário, indelével. Quando isso retorna na análise, é de bom grado um episódio que é cercado de uma certa auréola de fascinação, ou mesmo de terror. Que seja, para os dois sexos, perceber que a mãe é castrada. Que seja, especialmente para o menino, notar o tamanho superior do órgão paterno. Que seja, para a menina, exaltar o privilégio do menino, com as consequências que podem decorrer disso - e que não são logicamente dedutíveis, podendo ir da decepção ao rancor - ficando à disposição do menino. Que seja, para o menino, a inquietude da ameaça que o faz fantasiar sobre o que ele possui de real quanto a seu pênis, a ausência que ele observa nesse lugar no corpo do outro, no corpo do ser feminino.

Eu fiz uma lista que não tem nada de exaustivo, que apenas abre uma enumeração que traduz, precisamente, a ausência aqui de uma dedução lógica. Há um hiato entre a observação e as consequências que o sujeito elabora. Em todo caso, o que quer que seja, é dessa experiência primordial que o homem, o macho, pode ser pensado como completo, enquanto que o Outro sexo aparece como marcado por uma irremediável incompletude.

Se eu quisesse exprimi-lo com uma fórmula, eu diria: "você não é toda". É disso que procede o abominável *topos*, esse tirânico lugar-comum que faz da mulher o ser inferior, o ser privado e, também, na ocasião, o ser ávido, insaciável... e eu acrescentarei pouco confiável, parece, ao volante. Acrescento para esse propósito, já que isso não é nada, pois é a primeira vez que, por um mau encontro com

uma caminhonete, eu me vejo com a velocidade diminuída e parado.

Esse episódio infantil é, se queremos seguir Freud nessa via, o princípio da degradação do ser feminino e, também, o princípio da ameaça que esse ser feminino está susceptível de encarnar para aquele que é o proprietário do órgão que funda sua unidade e sua totalidade.

II - UMA ESTRUTURA DEDUZIDA DO TER

Para ser simples, comecemos aqui um quadro - este se encontra representado, em sua forma completa, no final do texto (N.T.). Comecemos uma pequena partilha sexual com a existência dos dois sexos representados por seus símbolos, símbolos que não devem nada ao discurso analítico. A diferença que temos representada aqui está no nível do ter, precisamente do pênis real - eis a referência -, enquanto ele pertence a um dos parceiros e não ao outro. Nós o escrevemos, para colocar as ideias no lugar, opondo simplesmente o mais e o menos, o "há" e o "não há".

Isso tem mais consequências do que se pode acreditar, a partir do momento em que nós temos, em nossa perspectiva, que reelaborar o conceito do grande Outro para fazer chegar, aí, algo do corpo. É bem isso o que vimos na última vez, que implicava a construção daquilo que apresentei a vocês como o quarto par.

Notemos que, desde que nos regulamos por essa experiência, referimo-nos ao ter, e é um ter que é encaixado no corpo. A referência ao corpo aqui é ineliminável. Mesmo quando, com Lacan, fazemos passar o órgão ao significante, mesmo quando, mais além do órgão peniano, visamos ao significante fálico, a posse do corpo continua guardando toda a sua pertinência.

Falar do falo como significante - uma novidade introduzida por Lacan - não desfaz, de forma alguma, a relação com o corpo de um e de outro; não desfaz a relação

com o corpo sexuado. Percebemos, quando lemos, por exemplo, no escrito de Lacan *A significação do falo*⁵, uma frase como esta aqui (eu a modifico apenas para reduzi-la, para comprimi-la): "a mulher encontra o significante do desejo no corpo do homem". Mesmo se, nesta frase, Lacan nos introduz o falo como significante do desejo, mesmo sendo um significante, Lacan indica que ele está localizado no corpo sexuado. É precisamente por isso que ainda não foram tiradas todas as consequências desse escrito.

Uma oposição do completo e do incompleto

Para reencontrar nossa simpática controvérsia do homem e da mulher, digamos que daí se deduz uma estrutura. Podemos indicá-la com um simples adjetivo - encontraremos um outro mais tarde. Temos uma oposição do completo e do incompleto. Há, com efeito, uma versão do não-todo que se pode situar nesse nível.

Sem fornecer esse esquema, já me ocorreu comentar as significações que podem se agrupar em torno dessa tese, a de que a falta estaria do lado mulher. Essa tese pode se verificar naquilo que a feminilidade de fato encontra ao se marcar e se remarcar com todas as insígnias da deficiência - como se carregar um signo de deficiência tivesse a virtude de intensificar o caráter da feminilidade.

Nesse propósito, por exemplo, fazer com que a mulher por excelência seja a mulher pobre, como assinala Lacan. Colocamos em cena o sujeito masculino procurando, como prova da feminilidade, um objeto do outro sexo do qual ele exige uma condição de desejo: que seja marcado pela pobreza, a pobreza só vindo aqui remarcar, marcar de novo, redobrar a falta intrínseca que qualifica esse objeto como feminino.

Nessa mesma vertente - Deus reconhecerá os seus -, o homem pode procurar a mulher por excelência na mulher ferida, na mulher espancada (por ele mesmo ou por um

outro), na mulher deficiente, na mulher entravada, na mulher humilhada. Isso pode chegar até aquela norma perversa que queria, nas classes elevadas da sociedade da China antiga, que se amarrassem, até mutilar, os pés da mulher e, ao mesmo tempo, encontrar nessa parte do corpo assim ferida a causa fascinante do desejo, parte restando velada, objeto de um pudor especial.

Nessa ordem das coisas, a feminilidade se encontra, se quisermos, exaltada por todos os traços que podem valer como traços de falta. É também, por uma inversão dialética, que todos os traços contrários podem, na ocasião, tomar seu caráter fascinante. É, então - mas sempre enraizada nesse menos, na incompletude -, que a mulher rica parece, ao contrário, a excelência da feminilidade, a mulher poderosa, a mulher exibindo sua completude. Mas por um quase nada. Mesmo que ela tome todos esses valores positivos, fica marcada por um excesso. É sempre a mulher rica demais, a mulher poderosa demais, a mulher inflexível. Este excesso é justamente o que afeta essa positividade recuperada por um acento de ilegitimidade que trai o segredo da falta que está aí velada, compensada; falta que encontra sempre uma compensação a mais.

As figuras da feminilidade incompleta podem ser figuras totalmente opostas, mas é o mesmo segredo que se trai na sua oposição. Tanto em um caso quanto em outro, nessa via, ela não atinge o que seria o apanágio do macho, a saber, a posse tranquila, legítima, daquilo que lhe cabe. Justamente porque seu ser é marcado por um menos irremediável, ela vai sempre muito longe. Ela não conhece a divina justa medida - para utilizar aqui o termo pivô do módico da ética aristotélica - que, de fato, como indica Lacan, é totalmente pensada do lado masculino.

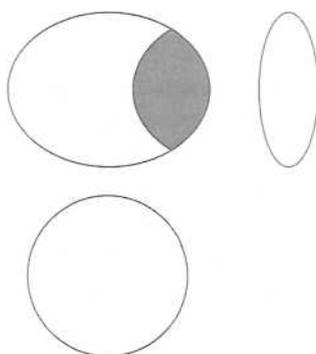
Justa medida ou excesso

A ética da justa medida é uma ética masculina. Por

isso, o que ocupa esse masculino é fazer passar esse ser, em falta ou em excesso, ao jugo, e mesmo desenhar para esse ser um jugo todo especial.

Podemos lamentar que tenha passado o tempo quando alguém se interessava, quando alguém se divertia em prescrever, detalhadamente, a educação das moças. Fazemo-lo para todos, hoje. Mas não é certo que isso seja absolutamente um progresso. Aliás, nessa matéria, procuramos em vão onde está o progresso. Essa é a questão.

Para completar nosso pequeno quadro, que não terá fim, abriremos um capítulo a mais, que seria aquele da medida, e inscreveremos à esquerda o equilíbrio, a justa medida e, do outro lado, o excesso ou o suplemento. O equilíbrio é o nosso velho todo, bem integrado nele mesmo. Do outro lado, é esse não-todo com sua falta ou com o seu excesso, que se desloca para fora do todo, vindo a mais e, portanto, mais suplementar do que complementar.



Identidade e alteridade

Essa estrutura elementar, que é deduzida do ter, repercute sobre o ser. Tentemos ver o que ela fornece se nós a repercutirmos sobre o ser, de um lado e do outro, começando por sublinhar - como eu o fiz bem no início - que o todo é um.

Vamos dar, aqui, o valor de unidade, e mesmo aquele da identidade. Inscrevamos, desse lado, o privilégio do "eu

sei quem eu sou" ou até, como eu ouvi dizer, não sem exagero da parte do locutor, "eu sei o que digo". Eu completo esses termos da uniformidade pois é desse lado aqui, de fato, que se pode distinguir um traço comum que permite agrupar um todo - o todo da equipe, o todo da classe, o todo da falange, o todo do exército ou o todo da igreja. Essas formações totais supõem que os elementos sejam suficientemente idênticos para fazer uma unidade e, assim, eles apresentam um caráter de uniformidade.

É por isso que colocaremos mais à vontade, do outro lado, não o Um, mas o Outro; não a identidade, mas a diferença, o sem identidade. É uma simples alusão a isso que faz uma parte da sabedoria das nações inconsistente, mas que atribui especialmente a variabilidade ao lado mulher - "não se pode confiar na mulher"⁶. O provérbio, o aforisma se inscreve no lugar dessa lógica, e já há, nesse horizonte, o que Lacan, atribuindo à histérica, chama de o traço de "sem fé". Então, de um lado o Um, e de outro, o Outro, a alteridade como tal, que Lacan, em suas *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*⁷, atribui à mulher ser Outra até para si mesma.

Na mesma vertente, o ser feminino é suposto encarnar a diferença, inclusive aquela consigo mesma, o que coloca de forma subjacente uma vacuidade essencial, ou até uma disponibilidade que Lacan lhe atribui no lugar da fantasia do homem, a de receber sua identidade somente a partir do homem.

Essa partilha sexual é, digamos, uma partilha de besteiras. É uma partilha em que nós conseguimos alojar, simplesmente, em seu lugar, de alguma maneira dedutível, o que Lacan chamava, por exemplo, os dizeres do amor, os grandes lugares-comuns da relação dos sexos.

É necessário caminhar passo a passo, pois há um ponto onde isso se desfaz, onde isso se inverte, onde isso se mistura. Eu progrido passo a passo para que consigamos

alojar as considerações que fazemos, uns e outros, quando possível, quer seja nos cursos ou na vida privada.

Eu parti do ter. Tentei ver como essa estrutura repercutia no nível do ser. Ela repercute - é talvez menos perceptível - no nível do objeto, quer dizer, ela repercute quanto à forma que cada um dos seres sexuados impõe a seu parceiro.

O objeto-fetiche ou erotomania

É aqui que considero que podemos ordenar, neste quadro, o que Lacan assinala precisamente quanto ao objeto de cada um dos seres sexuados. Do lado homem, o objeto toma a forma do fetiche, quer dizer, de um elemento que tem o caráter da unidade, da permanência ou até da uniformidade, isto é, podemos procurá-lo como objeto nos diferentes suportes que se apresentam. Podemos mesmo acrescentar *fetiche pequeno a*. Lacan acentua como objeto de base o *objeto pequeno a*, que é coerente com os caracteres que nós enumeramos antes.

Do outro lado, eu colocarei a indicação que Lacan fornece, situando aí a forma erotomaniaca que escrevo "erotomania". Esta supõe que o objeto é menos objetual nesse lado direito do que ele o é no lado esquerdo. É um objeto suporte do amor. É por isso que, logo de início, Lacan o marca com um grande A barrado, que o distingue da compacidade do *pequeno a*.

O fetiche, é claro, acentua o caráter de *objeto pequeno a*... Isso não passa de uma das versões do *objeto a*, mas chamá-lo de fetiche faz perceber que se trata aqui de um objeto invariável, suscetível de ser encontrado em suportes individuais diversos, contanto que encontremos os mesmos traços.

Quando eu havia abordado a questão pelo viés dos divinos detalhes, era antes, seguramente, por esse lado que eu havia entrado na questão da causa do desejo - pelo viés

no qual o objeto se faz reconhecer através do fato de que ele apresenta traços uniformes, respondendo a uma mesma condição. No que se refere às perversões, é isso que leva Lacan a dizer - o que a clínica indica de fato - que o fetichismo está do lado masculino. O que se acrescenta, aqui, é que, fora da perversão, o macho faz de seu objeto um fetiche, impondo-lhe, precisamente, um certo número de condições típicas.

É do lado masculino, e não do das mulheres, que encontramos esse tipo de exigência: o outro deveria se vestir de uma certa maneira. Isso não adquire o ar perverso senão quando essas exigências são absolutamente rígidas e marcadas por uma certa extravagância misturada com humilhação. Mas, sem chegar até esse ponto, são, de toda forma, mais os homens que se ocupam em saber como deve se apresentar o corpo do outro. Quando isso acontece, são exigências que, eventualmente, se fazem escutar, com toda a raiva do desejo diante da maior ou menor boa vontade recolhida do outro lado. Há aí uma zona que provém da perversão normal do macho, mais ou menos acentuada. A disponibilidade feminina é, então, colocada à prova diante daquilo que se faz sentir como uma vontade de uniformizar, de colocar um uniforme, o uniforme do desejo sobre o corpo do outro. Do outro lado, isso pode levar também a representar e a pesquisar esse suposto uniforme do desejo. O que o caracteriza é, em todo o caso, a precisão da condição e, depois, os suportes múltiplos que podem realizá-la. É muito diferente do lado erotomaniaco, onde não há a série.

O desejo pelo mais-de-gozar ou pelo amor sem limite

O que é aí indicado por Lacan é que, no macho, o desejo passa pelo gozo, quer dizer, requer o mais-de-gozar, enquanto que, na mulher, o desejo passa pelo amor. Há uma diferença entre o amor e o fetiche. É que o fetiche, ou a condição fetichista, pode ter suportes múltiplos, ao

passo que o amor não está do lado do múltiplo.

Essa exigência do amor repercute a estrutura inicial que colocamos, aquela de um certo menos. Isso supõe que o amor, do lado do ter, diz respeito a um objeto que não tem. Lacan sublinhou, de forma repetitiva, que, para que haja amor, há uma condição de castração. É por isso que Lacan podia dizer que, para uma mulher, o Outro do amor deve ser privado daquilo que ele dá.

Coloquemos, aqui, sob a rubrica "causa do desejo", uma oposição entre o mais-de-gozar e, do outro lado, o amor. Podemos mesmo acentuar essa oposição... da maneira que Lacan o assinala, com o acento erotomaniaco, acrescentemos o "amor louco"...

O que quer dizer louco aqui? É um título de André Breton. Mas esse adjetivo acentua que o amor, por essência, é sem limite - do modo que Lacan o apresenta a nós, ele o introduz em seus esquemas e em sua dialética -, como estando mais além e, precisamente, mais além do ter.

O amor, em sua definição lacaniana - dar o que não se tem -, repousa sobre a anulação completa do ter. É por aí que ele pode visar ao ser como o que está mais além do ter. É isso que podemos isolar como estrutura (II), porque ela é dependente do objeto e da causa do desejo. Essa estrutura (II) nos faz inscrever, à esquerda, o limitado e, à direita, o ilimitado. Essa não-limitação é, de alguma forma, dedutível do estatuto do amor como mais além do ter.

III- UMA PSICOLOGIA QUE FLUI, E QUE SE INVERTE

Nós já poderíamos, aqui, atrelar uma psicologia.

A psicologia é fluida. Mas, se tentamos inscrever aqui a psicologia, isso nos dá um pouco os caracteres dos seres sexuados tais como Lacan os coloca em cena, para nós, ao modo de La Bruyère.

Caracteres dos seres sexuados

Do lado masculino é o senhor de há pouco, o senhor que tem, completo, bem equilibrado - unidade, uniformidade -, o fetiche aí onde é preciso, o mais-de-gozar... Assim como Lacan o coloca em cena, é uma psicologia da prudência. É também, estruturalmente, a timidez. E, depois, é o que se impõe ao proprietário, o valor da proteção. Eis a raiz do "até aqui, mas não mais longe". É aí também que há a agressividade da proteção, tudo isso compondo o homem racional. A virtude da prudência foi, aliás, especialmente celebrada por Aristóteles em sua *Ética*.

O que ousarei inscrever do outro lado, deixando-me levar pela lógica do ilimitado? Diante da prudência, colocarei a intrepidez, a tagarelice das "passionárias" - nunca se falou do passionário. Nesse lugar onde há a timidez, por essa lógica, eu colocarei a ousadia, por exemplo. Onde eu tinha a proteção, eu colocarei o risco. E depois, onde eu tinha a agressividade imaginária, que é a relação com o pequeno outro como semelhante, eu colocarei, de bom grado, na frente, a mística, que é, justamente, a relação com o grande Outro do amor. Tudo isso compondo uma bela irracionalidade.

Bem, quando vocês percorrem os *Seminários* de Lacan, os *Escritos* de Lacan, vocês situam facilmente os caracteres dos seres sexuados numa e noutra coluna, o que fornece, de fato, ao retrato do ser masculino feito por Lacan, um aspecto um pouquinho duro e faz, pelo contrário, flamejar a posição feminina.

Eu disse que, quando estamos na psicologia, isso flui, isso mexe, isso desliza. E, também, isso se inverte. Ao mesmo tempo em que temos todos esses traços que enumerei, temos como que uma inversão surpreendente.

Seguindo os caracteres de Lacan, colocaríamos o idealismo, o sacrifício pelos ideais - com um caráter que parece bem oposto à prudência, à timidez, etc., - nessa

coluna, do lado mulher. Entretanto, seguindo essa galeria de retratos, esse caráter idealista pertence, antes, ao masculino.

Do outro lado, uma virtude assinalada por Lacan, e que deveria se encontrar mais na coluna do limitado, é atribuída à mulher; mais exatamente, o bom senso. Não resta, verdadeiramente, grande coisa para o homem. Poderíamos esperar que a prudência, a timidez, a racionalidade lhe afetassem o bom senso. Não. Em Lacan, o bom senso está do lado da mulher.

Os grandes papéis de nossa *Commedia dell'arte*

No nível dos grandes papéis que são representados em nossa *Commedia dell'arte* da existência, é, curiosamente, do lado masculino que encontramos o herói e do lado feminino, a burguesa.

Como se explica essa aparente inversão psicológica? O que faz com que o heroísmo seja um papel do repertório masculino?

É que o herói é aquele que transgride, aquele que vai além do limite. Isso supõe que ele opere num espaço onde é constituído o limite. É por isso que o caráter de herói está no lado masculino.

A burguesa é aqui uma parceira do herói. Todo herói tem a sua burguesa. É o parceiro caracterizado pelo fato de que, para ele, não existe transgressão e, por isso, assegura a direção. Os papéis desse par se distribuem a partir do lado masculino.

Inversamente, a verdadeira mulher lacaniana, aquela que está atrelada ao ilimitado, se ousar dizer, aquela que é conduzida no ilimitado é, essencialmente, a perdida. Sob um aspecto, é a burguesa. Mas, para distribuir o papel a partir dela, dizemos que ela está perdida fora do todo, do equilíbrio, da unidade, da uniformidade, etc.

O que ela exige como parceiro? Ela exige como parceiro

o "homem-bússola".

É o casal da perda e da bússola. Espero que vocês encontrem esse par colocado em cena por Lacan. Ora vocês têm o casal herói e burguesa, ora o casal perda e bússola. Isso depende da perspectiva a partir da qual vocês estabelecem o par.

Onde colocaríamos Antígona, que tem claramente o ar de uma heroína? Antígona é aquela que não escuta a razão e, se ela prossegue seu caminho, é porque ela tem como bússola o corpo do homem morto. Eis como eu recupero Antígona em meu esquema.

De toda maneira, há uma oposição a ser feita entre o herói, como cavaleiro do absoluto, e as figuras heroicas femininas, que são sempre vítimas do absoluto e não cavaleiros do absoluto. Restam as Valquírias. Tudo bem.

Para apreender essa oposição, tomemos, por exemplo, o casal formado por essas duas figuras heroicas, Jasão e Medeia.

Jasão é o herói. Para se realizar como herói, ele começa por agrupar sua equipe, os Argonautas, e, depois, eles vão procurar o objeto, o "tosão de ouro". E ele retorna, confiante como Artabão. Aí, não há hesitação sobre o objeto do qual se trata, que tem, verdadeiramente, todos os caracteres de um fetiche comunitário, o tosão de ouro.

O que interessa a Medeia é o amor. Já me ocorreu dizer, outrora, seguindo uma indicação de Lacan, que Medeia era o paradigma da verdadeira mulher, no sentido de Lacan; é necessário confessar que ela está pronta para tudo. Jasão lhe diz: - "Não para tudo, não para tudo". Mas, não! Medeia está pronta para tudo. Se o amor está perdido, ela não recua diante de nada. É isso que quer dizer o tudo, nesse caso. Ela não recua diante do assassinato. É o bê-á-bá da posição. Ela não recua diante do assassinato de seus próprios filhos, pois ela procura atingir o homem em sua descendência, quer dizer, nisso que ela pode apreender como

seu mais-de-gozar. Ela vai até lá.

IV- O SINTOMA E A DEVASTAÇÃO COMO MODOS DE GOZAR

Eu continuo meu quadro.

Conforme essa dialética binária que desenvolvi até agora, inscreverei, aqui, a rubrica dos modos de gozar próprios do ser masculino e do ser feminino: à esquerda, o sintoma; à direita, a devastação.

O termo devastação, como simétrico em relação ao sintoma, não ocorreu a Lacan por meio de sabe-se lá qual inspiração. Ele veio na sequência de uma construção lógica que pode estar escamoteada aqui ou ali, mas da qual eu disse, ao menos na última vez - o que me parece, por natureza, esclarecer o termo -, que é a outra face do amor. A devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande A barrado, o não-todo, no sentido do sem limite.

O sintoma, do qual nos gabamos em nossa clínica e que nos permite obter trocas tão frutíferas com outras disciplinas - com a psiquiatria, com a psicologia, seus sintomas, esses que vemos, os de vocês... -, o sintoma é um sofrimento sempre limitado, um sofrimento localizado.

Uma oposição tópica

É precisamente aí que se opõem esses dois lados quanto ao lugar, quanto à "tópica". Do lado esquerdo, temos sempre fenômenos localizados e, do lado direito, temos sempre, pelo contrário, manifestações não localizadas.

Bem, o sintoma é o sofrimento quando ele é localizado, apreensível. É por isso que fazemos uma clínica dos sintomas. É por isso que deciframos os sintomas. É por isso que os tratamos. É por isso que comparamos nossas listas de sintomas com as listas dos outros. É por isso que se faz um DSM 1, 2, 3, 4 e assim sucessivamente. Como isso acontece? São algumas pessoas em torno de uma mesa que dizem: - "E

esses dois sintomas, nós os colocamos juntos? Isso não corresponde a um? Isso são dois? Divide-se em três, coloca-se no capítulo 4...". Esses sintomas são elementos discretos que repousam sobre uma classificação.

Não podemos classificar as devastações. Ser devastado!... Não vou me devastar por causa disso. O que é a devastação? É ser devastado. O que chamamos de devastar uma região? É quando nos entregamos a uma depredação que se estende a tudo. Não no sentido pequeno; tudo bem completo. É uma depredação sem limites. Isso que Lacan chama de "o todo fora do universo", o todo que não se completa como um universo fechado, limitado. É uma depredação, uma dor que não para, que não conhece limites.

A palavra devastação é, de fato, bem escolhida do lado mulher. Lacan a emprega ainda numa expressão, que foi muito comentada, quando ele fala da devastação da relação mãe-filha - sempre do lado mulher.

O termo devastação (*ravage*) é um termo derivado de arrebatado (*ravir*). O próprio verbo arrebatado (*ravir*) é originado do latim popular *rapire*, um verbo que quer dizer "apreender violentamente" e que derivou a palavra "rapto": que se pega à força, que se arranca.

O verbo arrebatado é também um termo da mística, assim como o deslumbramento (*ravisement*). Isso quer dizer que se é transportado para o céu, na língua clássica. E, no horizonte do arrebatado, há o êxtase. É, então, um termo que tem o valor erotomaniaco inscrito na própria etimologia. Não temos mais esse emprego intenso do verbo arrebatado que se teve no século XVII. Quando se arrebatado uma pessoa, isto quer dizer que ela é conduzida a um estado de felicidade suprema. Isto quer dizer, também, quando se arrebatado um auditório, que se excita o seu entusiasmo. É o próprio verbo do transporte amoroso e super amoroso. A mesma coisa para o adjetivo encantador (*ravissant*). Hoje em dia, dizemos é encantador (*c'est ravissant*) para dizer que é

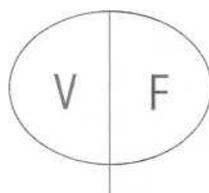
bonito, engraçadinho (*c'est joli, mignon*). No século XVII, as palavras encantadoras (*ravissantes*) eram as palavras que levavam ao êxtase.

Uma oposição finito/infinito

Tudo isso está implicado, está presente na devastação. O que está presente é essa diferença, que é preciso de toda forma destacar, e que é a solução daquilo que pode deslizar, aparentemente, como antinomia nos termos que enumerei. É a oposição entre o finito e o infinito. Está claro que é a estrutura do infinito que permite apresentar o não-todo como uma coisa diferente da ablação obscena que desenhei no quadro.

O não-todo de Lacan não tem valor a não ser inscrito na estrutura do infinito, e não nessa pobre incompletude que permite somente a primeira referência que eu tinha feito em relação ao ter. O não-todo não é um todo amputado de uma das partes que lhe pertence. O não-todo quer dizer que não se pode formar o todo. É um não-todo de inconsistência e não de incompletude.

O não-todo, nesse sentido, pode-se dizer perfeitamente na língua com a palavra todo. É isso que o próprio Lacan escreve, na página 741 dos *Escritos*. "Tudo pode ser imputado à mulher" - quer dizer, tudo e o contrário de tudo - "já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto". O que isso designa? É o todo que se refere à inconsistência que não permite formar um todo capaz de dizer "aqui há a verdade, aqui há o falso".



Para poder fazer essa divisão, tão essencial na lógica

proposicional, é necessário operar sobre um conjunto finito. Desde que tenhamos um conjunto infinito, fica muito mais problemático operar essa divisão. E por isso que o não-todo de Lacan, o qual podemos alcançar por uma via lógica totalmente precisa, só tem valor se inscrito numa estrutura de infinito.

Antes de me lançar na parte seguinte, marco um encontro com vocês para a semana que vem.

25 de março de 1998.

II

Percebo que não me interroguei sobre o porquê de eu ter recebido um grande número de cartas desde a semana passada, cartas comentando o que eu pude dizer ou retomando um certo número de pontos. Confesso que deixei isso um pouco de lado.

Algumas dessas cartas assentiam com meu ponto de vista, outras me interpretavam a partir do que eu expus, contando, no começo, uma anedota pessoal. Viu-se que, por trás do herói confesso (*héros professant*), havia uma mulher que conduzia - o que é inteiramente exato, como eu mesmo indiquei. Tive também uma mensagem do senhor da história, na qual, ao mesmo tempo que ele se reconhecia, dizia que não era ele, mas que tinha sido, de fato, espremido entre duas mulheres. E o que ele tinha dito era totalmente inocente, e que eram essas duas "machonas", se posso dizer assim, que tinham dado à sua observação, sua objeção do não-todo, um sentido que estava ele mesmo muito longe de querer atribuir-lhe.

É uma oportunidade para eu dizer que só fiz uma história dessa anedota com a condição de me abster de conhecer os detalhes e as consequências dela. Fiz simplesmente uma boa história, e ninguém teria que se reconhecer nos personagens que apenas tentei elevar à dignidade de paradigma. Seguramente, se entramos no

detalhe, é muito mais complexo - e, de toda maneira, todo o mundo é inocente.

sexo	♂	♀
ter	+	-
estrutura	completo	completo não-todo
medida	equilíbrio	excesso
ser	unidade, identidade, uniformidade	outro, diferença sem identidade
objeto	fetice a	erotomania A
causa do desejo	mais-de-gozo	amor louco
Estrutura (II)	limitado	ilimitado
psicologia	prudência timidez proteção agressividade homem racional	intrepidez audácia risco mística irracionalidade
	bom senso ←	→ idealismo
papéis	o herói →	a burguesa
	bússola ←	a perda
modos-de-gozo	sintoma	devastação
lugar	localizado	deslocalizado
	finito	infinito

Os impasses da psicologia

Arrisquei-me a apresentar, da última vez, com uma audácia que hoje me parece repreensível, uma partilha sexual em dupla, dando ao homem e à mulher atributos contrastantes. Eu o fiz de maneira irônica, especialmente naquilo que concernia ao registro da psicologia, que podia ser reconhecido em uma ou outra das posições sexuais. Espero que essa ironia tenha sido sensível ao fato de que fiz aparecer, no nível psicológico, uma inconsistência que pôde, segundo o que me escreveram e que li, perturbar o auditório.

No caminho em que eu estava, de fato atribuí à posição masculina prudência, timidez, atitude protetora e agressividade - agressividade do tipo imaginário, à medida que atribuí à posição feminina intrepidez, audácia, risco e mística.

Enquanto procedia a essa repartição, eu a perturbei, eu a tornei confusa, voluntariamente, assinalando, na posição masculina, idealismo e heroísmo. O que não caminha muito bem com a prudência, a timidez, a proteção. Reservava, ao mesmo tempo, à posição feminina, um suposto bom senso, lembrando o significante com o qual Lacan a marca ou mesmo a estigmatiza, a saber, o significante burguesa. O que não parece combinar, de fato, com a intrepidez, a audácia, o risco e a mística. Era para indicar, como sublinhei, a inversão da qual eram suscetíveis esses retratos psicológicos.

De onde provêm esses retratos? Eles provêm da sabedoria das nações, se quisermos. Mas é uma sabedoria que permite ser contraditória. Eles provêm mais precisamente do ensino de Lacan, de quem tomei emprestado esses termos, inclusive em sua inconsistência. E, por intermédio de Lacan, eles provêm de Freud, ao menos em parte.

Se acredito nas cartas que recebi, o que mais perturbou foi a inversão dessa psicologia sexual no que diz respeito à posição feminina. Seria possível acreditar que aqueles que se situam na posição masculina são muito mais indiferentes àquilo que se pode dizer deles. E que, pelo contrário, arriscar dizer algo positivo ou mesmo contraditório sobre a posição feminina é bastante capaz de suscitar interrogações ou mesmo insurreições.

I- A POSIÇÃO FEMININA

Retomemos, por aí, a posição feminina.

A mulher freudiana

Recomeçamos mesmo pela mulher freudiana, a mulher tal como Freud desenha sua posição e sua psicologia.

Na polaridade sexual, a mulher freudiana aparece particularmente como aquela que não perde o norte. Não perder o norte quer dizer ter uma bússola. A mulher freudiana tem uma bússola. Ela visa, ela se prende à satisfação e mesmo, precisamente, às satisfações mais elementares, menos sofisticadas. Na dialética sexual, ela representa algo como o *primum vivere* - de início, é preciso viver -, e nisto ela é totalmente oposta ao homem, ao macho, que é aquele que se sacrifica aos ideais, que aparece como servo da sublimação. Em relação ao delírio do macho, ela é aquela que lembra, que vem na posição de "tudo isso é bem lindo" para levá-lo à instância, à insistência da vida e seus gozos, gozos simples, que são ligados à vida. Digamos que o *primum vivere* não caminha sem um *primum gaudere*. Primeiro, gozar. E depois...

Essa mulher freudiana é aquela da qual Freud nos desenha o retrato em seu *O mal-estar na civilização*. O mal-estar na civilização, se tentamos reparti-lo segundo a polaridade sexual, é sobretudo aquele do homem, do macho. Por outro lado, a mulher freudiana representa o polo selvagem, rebelde a essa civilização portadora do mal-estar.

Referindo-se à repartição freudiana do aparelho psíquico, seria excessivo dizer que a mulher que ele esboça está mais do lado do isso? A resposta à questão "o que quer uma mulher?", seguindo o que ele indica, deve ser antes de tudo procurada do lado do isso. O que quer dizer: "nada de supereu".

Não acho que estou distorcendo excessivamente essa leitura, considerando que Freud coloca o homem mais do lado do supereu, a ponto de que, nessa perspectiva, fique duvidoso que a mulher seja dotada de um supereu. Em todo caso, tal como ele a apresenta, ela tem muito mais

liberdade do que o homem em relação ao supereu e a todas as interdições.

Podemos sempre nos perguntar se ela se acomoda a isso por meio de um conformismo de semblante, sem aderir no íntimo do seu ser. É isto que é representado nesse mal-estar, que ela é bastante impermeável ao reino dos ideais. O que deixa a cargo do homem ativar a civilização e seu mal-estar. Talvez se possa dizer simplesmente que, ao sujeito feminino, os ideais não fazem perder o norte, ou que os ideais não lhe advêm senão por intermédio do homem.

A mulher orientada pela bússola

É isso que um analista, Hanns Sachs - um dos alunos eminentes de Freud, em quem ele prestava a atenção - tinha indicado. Ele acreditou perceber que, a partir de sua experiência de analista, as opiniões de uma mulher dependiam - ele dizia isso cruamente - do homem que ela amava. Ele dava exemplos de mulheres trocando de opiniões como de amantes, indicando, assim, que o que lhe parecia problemático era, se posso redizê-lo à minha maneira, a introjeção do ideal. Será que o ideal se inscreve nesse famoso aparelho psíquico da mulher? Ou será que, pelo contrário, esse ideal passeia no mundo, no exterior, e ela o adota ao mesmo tempo em que ela ama, sem dar-lhe mais importância do que isso, ou seja, sem lhe dar mais importância que ao amor? É uma observação clínica que me impressionou há muito tempo e que acho bastante esclarecedora, mesmo para decifrar fatos contemporâneos.

Tomemos Brigitte Bardot. Em minha adolescência, ela era uma mulher de esquerda. Dizia-se que ela tinha como amante um advogado eminente da esquerda não comunista, que, aliás, ascendeu depois a funções superiores na República - ele foi Ministro da Justiça. Encontrava-se, na época, sua assinatura em petições francamente progressistas. Qual não foi minha decepção, mais recentemente, ao ver que ela

emitia um certo número de teses totalmente revoltantes sobre a desigualdade das raças humanas! Teses que não me pareciam conformes à imagem que eu tinha guardado dela, e que me pareceram se esclarecer a partir do artigo de Hanns Sachs - que não pensava nela -, pelo fato de que ela tinha se casado com um líder dessa coisa que se chama Frente Nacional. Essa variação me pareceu verificar a tese de Sachs, que pode parecer um pouco misógina, eu confesso, sobre a dependência da opinião feminina em relação ao amor.

Podemos pensar que a mulher - em todo caso, a mulher freudiana - se regula sobre o homem quanto ao ideal, mas que, quanto ao gozo, ela se regula sobre uma bússola que sempre está presente e sempre orientada para as satisfações elementares.

Goethe diz outra coisa. Em sua exaltação cortesã, em seu *Fausto*, Goethe profere que "o eterno feminino atrai para o alto". Mas Lacan faz aí uma objeção, conforme o que Freud extrai, "que o eterno feminino atrai, antes, para baixo". É, se quisermos, a lição de *O mal-estar na civilização*". Ao mesmo tempo, é pelo lado feminino que transitam, seletivamente, a tradição, os ideais de uma cultura, o que se deposita da linguagem para forjar, manter o laço social. A mulher está no lugar do depósito, ela é, por excelência, depositária. É nessa vertente que podemos vê-la, eventualmente, - Lacan o sublinha fortemente e repetidas vezes - como a burguesa, se entendemos com isso a guardiã, a bancária do depósito financeiro que alimenta a atividade do homem.

É assim que ela aparece tanto em Freud quanto em Lacan, como aquela (o sujeito) que sabe o que quer e como suporte de uma função que podemos dizer obstinada e invariável de uma repetição do Mesmo. Enquanto as culturas são variáveis, se as considerarmos nos valores que elas inculcam, a mulher aparece como representando a instância do Mesmo e, até, de uma repetição do Mesmo.

Ela encarna, aliás, esse Mesmo, de forma que ela assegura precisamente a reprodução da espécie, enquanto o Nome-do-Pai é, em oposição a isso, o princípio de uma diferença nominativa que é de ordem sublimatória. É a oposição bem conhecida entre a maternidade, fato de observação que, podemos dizer, está fundado na experiência e é indubitável, e o caráter "abstrato", duvidoso, a ser avaliado, da designação da paternidade, que sempre se inscreve numa ordem de cultura que pode fazer variar o ponto de aplicação da função.

O que eu enumero, o que agrupo, são os traços que caminham no mesmo sentido, no sentido da "mulher-bússola", da mulher direcionada, e que encarna uma certa constância em relação à qual o homem está sempre à deriva, levado por quimeras. A mulher, aqui, é o sujeito sem quimeras, mesmo se, na descrição de Freud, ela é um "pouco rasteira", ao nível do que eu chamava de satisfações elementares.

Duas figuras contrastadas em torno da perda

Há também um outro retrato, totalmente oposto, que é aquele da mulher fundamentalmente desorientada, perdida, aquela que, por essência, não sabe o que quer, da qual se pode esperar tudo. O sujeito que nenhum interdito restringe. Enquanto o homem se verga sob o peso dos seus interditos, ela é o sujeito que pode, eventualmente, fazer semblante de se dobrar, mas que conserva, por sua vez, uma liberdade soberana, reduzindo os interditos ao estado de semblantes. E, então, sempre suscetível de se lançar a todo vapor em direção ao absoluto - em direção a este ou aquele absoluto -, deixando no lugar os manejos, as negociações, os compromissos, onde o desejo masculino se prende.

Esses são os impasses, se quisermos, da psicologia, pois nós temos aí dois retratos contraditórios, e quando os psicanalistas fazem psicologia, eles também enunciam essas contradições.

De um lado - digamos isso para colocar ordem -, podemos sempre fazer o retrato da mulher dominada pelo menos. É, assim, a inferior, a submissa, a obediente; é a massacrada por uma lei que se lhe impõe, aquela que passa sob o jugo. Sua queixa, sua reivindicação se alimentam, eventualmente, dessa posição. É aquela que não se escuta, a qual se reconhece sem contestação. Enquanto ela faz comida, o homem chega faminto e vai ver televisão. Como, atualmente, ela trabalha fora de casa, faz, de fato, um duplo serviço. Desse lado, ela aparece como aquela que já sai perdendo. É a vencida por excelência e, também, a perdida.

Por outro lado, ela aparece como a difícil, a rebelde, a audaciosa, a intrépida, aquela que não tem medo de nada. E, para ordenar esse contraste, aquela que não tem nada a perder.

Na descrição psicológica da posição feminina em Freud e, sobretudo, em Lacan, oscila-se de uma para a outra: da mulher como aquela que perdeu (e que sofre as consequências disso) e daquela que não tem mais nada a perder.

Vemos, assim, em torno do mesmo pivô da perda, duas figuras contrastadas que se apresentam. De tal sorte que, em relação ao homem, se o tomamos por referência, ela aparece ora aquém, ora além; ora menos - limitada, restrita, devendo-se abster do que é o apanágio do macho -; ora não tendo mais nada a perder, capaz de ultrapassar, de deixá-lo, para ir se consagrar a um infinito, diante do qual ele se sufoca.

Esse contraste se ordena nesse pivô conforme se vê a perda como aquilo que tem um preço, que desvaloriza o sujeito que a experimenta, ou conforme se vê a perda como realizada, liberando uma audácia antes restrita ao homem. Essa referência tomada do masculino convém a essa posição que consiste em dar a medida do "não muito", como também do "bastante".

O "homem-medida"

O retrato do "homem-medida" é igualmente contrastado.

Podemos representá-lo como limitado, uniformizado, como em seu lugar. O que sem dúvida lhe dá uma segurança, uma estabilidade, mas, ao mesmo tempo, não lhe dá margem, não lhe fornece horizonte. O romantismo literário explorou abundantemente o contraste entre a mulher como ser distante - no qual a figura fascinante, paradigmática permanece sendo aquela de Madame Bovary - e os homens sobre os trilhos, na rotina. De um lado, o ser feminino distante e, de outro, o ser do trilho. É, aliás, contemporâneo ao aparecimento dessas máquinas, cuja eficácia e potência são impostas por um caminho já traçado.

Já que isso diverte vocês, efetivamente poderíamos refletir sobre o lugar das locomotivas no imaginário literário. O que aqui caberia muito bem é *A besta humana*, de Zola, onde vemos, justamente, o condutor da locomotiva encarnando a virilidade moderna, quer dizer, uma potência impressionante, mas evidente e forçosamente rotineira - pois a glória da Companhia das Estradas de Ferro é chegar na hora no endereço previsto -, deslocado, inquieto pela paixão sexual que lhe inspira o ser do Outro sexo. Deduzimos aqui *A besta humana*: o homem em seu lugar... E o fato de que ele se desloca com a locomotiva, pschh...! com a fumaça, etc., não muda em nada o fato de que ele permanece em seu lugar.

É algo muito rico como imagem. Tive a ocasião, nesta semana, de ver a bela exposição sobre *A estação São Lázaro*, cujo emblema é precisamente um quadro bem misterioso de Manet, que se chama *A estrada de ferro*. De fato, nessa época, a estação e a locomotiva eram objetos que se tornaram fascinantes, objetos de arte, objetos sublimados. No lugar do Olimpo, a estação São Lázaro. É preciso ver isso.

Não havia pensado a respeito preparando este curso, mas isso cai muito bem. O profundo mistério do quadro *A estrada de ferro* é que não se vê nada da estrada de ferro. Não vemos também a locomotiva. É o que sobressai da tela. Só vemos a fumaça. Permanecem dois seres do sexo feminino, que são os únicos que percebemos na pintura, em posições que, aliás, lembram bem a Renascença. Podemos inscrever esse quadro no que evoco aqui. Isso deixa as figuras do outro lado da grade que fazem o mistério da tela. Esta é dividida pelas barras de uma grade. De um lado, há uma estrada de ferro invisível, que só se pode suspeitar pela fumaça branca atrás, uma espécie de terceiro ausente. E do outro lado, está a menina e a jovem mulher, uma olhando o que não vemos e a outra, virada, olhando o espectador.

O homem tem seu lugar diante da perplexidade feminina desse gosto pela locomotiva e, ao mesmo tempo - é o outro lado do quadro -, o homem é aquele que, em oposição à obstinação feminina rumo às satisfações elementares, sempre as mesmas, deixa-se divagar pelo ideal. É aí que está o contraste. A potência do ideal deixa o homem divagar, na condição de ser uma divagação em grupo. Se outros fazem a mesma coisa, isso é irresistível para o homem.

II- AS ESTRUTURAS DA SEXUAÇÃO

Para se situar nesse arranjo psicológico, sobre o qual eu coloquei ordem, forneço as referências: a lição da partilha que propus, na última vez, é que é necessário se referir à estrutura. É preciso relacionar a psicologia sexual, tão sutil e precisa quanto ela pode parecer, às estruturas da sexuação que estão mais além da psicologia, mas que também dão forma à psicologia sexual.

A fórmula de cada posição separada

Essas estruturas que Lacan tentou formalizar fornecem fórmulas das duas posições sexuais separadas, distintas.

Elas não dão a fórmula do casal, elas dão a fórmula de cada posição separada.

Se tentarmos resumir a inspiração, o que se percebe no lado mulher? O que se apresenta como o incompleto, como o conjunto marcado por um menos, revela-se, nessas fórmulas, como infinito. O incompleto - isso que Freud comenta, por excelência - revela-se como infinito. Há como que um golpe de vista. O que aparece, de um lado, como falta, revela-se, do outro, como sem limite. Isso fornece a chave dos quadros contrastados que evoquei. Psicologicamente, o que pode ser apresentado, experimentado como inferior cede o lugar ao ilimitado.

Do lado do homem, sem dúvida, existe o ser completo, o todo tomado como um, mas ele se revela, segundo a mesma lógica, como ser finito, limitado, quer dizer, o ser que se coloca sempre em relação ao seu limite. Ao mesmo tempo que, do outro lado, temos um ser que não tem uma relação essencial, estrutural, com o limite. A relação desse ser com o limite é sempre acidental, contingente. É, aliás, o que acentua Sachs. Isto depende do encontro, do amor. Aqui, a relação com o limite é de estrutura, enquanto lá é de amor. É isso que pode ser destacado, de uma maneira propriamente estrutural, opondo, do lado masculino, a relação do Todo com o Um.

Eu a divido, eu a transformo em três.

É, de início, em se tratando de um conjunto, um conjunto que agrupa elementos e que faz Um. É aqui que representamos a possibilidade mesma do universal, isto é, a possibilidade do enunciado que, para todo elemento desse conjunto limitado, alguma coisa seja verdadeira. Isso supõe que aqui, nesse nível, o Um equivale ao Outro. É o princípio mesmo da constituição desses conjuntos que Freud tomava como referência, a saber, a Igreja ou o exército. É a validade de um enunciado que equivale para todos e que supõe a redução do Outro ao Um, ao Um equivalente.

Essa outra estrutura se refere ao nível do elemento onde cada um se basta, e se basta ao ser comparável e equivalente ao outro. Quando se trata do gozo, é, por exemplo, o que Lacan comenta, atribuindo-o especialmente ao lado masculino, o gozo do Um como auto-suficiente, o gozo masturbatório como índice da posição autística permitida do lado masculino.

Em terceiro lugar, essa estrutura repercute ao nível da exceção, à medida que a constituição mesma desse conjunto, onde um enunciado pode valer para todos, supõe o ponto de enunciação exterior, a partir do qual é apreendido esse conjunto finito. É aqui, por exemplo, que se distingue a função desregrada do ideal que evoquei há pouco. É justamente o "para-todos" que leva a admitir o chefe, o "não-como-os-outros", não como todos os outros.

Essa estrutura repercute em três níveis - no nível do conjunto, no nível do elemento e no nível da exceção. Isso do lado do que indicamos como "homem", na última vez.

Simetricamente, reduzindo nossa distribuição, podemos inscrever o que aí responde do lado mulher. É a relação do não-todo com o "não-Um"; não-Um que escrevo de maneira simétrica ao Um que coloquei anteriormente, mas que é estritamente equivalente ao Outro, se lhe damos o valor preciso que lhe confere Lacan em seu *Seminário: Mais, ainda*, onde ele formula que "o Outro não poderia, em nenhum caso, ser tomado por um Um"⁸. É isto que traduzi aqui dizendo não-Um.

No lugar desse conjunto, nós inscrevemos, como eu tenho o hábito de fazer, em pontilhados, um esquema que indica que o para-todos é aqui inválido. O não-todo quer dizer que o para-todos, aqui, não vale; que nós não podemos formular esse para-todos. E, de maneira coerente, no nível do elemento escrevemos este próprio elemento em pontilhado nenhum destes elementos é Um. Ele falta à unidade.

O não-todo, que é apresentado aqui no nível do

conjunto, reporta-se, de toda maneira, no nível do elemento para nos fornecer o não-Um e, acima de tudo, a divisão. O terceiro nível, aquele da exceção, refere-se à forma do sem exceção e indica, de um modo bem simples, a ausência de um limite estrutural.

Isso não quer dizer que não exista nunca o limite. Isso quer dizer que o limite, quando ele advém, e em particular sob a forma do ideal, da crença, etc., só advém na ordem da contingência e não da estrutura. Ele depende do encontro. Pelo fato dele não ser estrutural, tal como o é do outro lado, ele tem um caráter "artificial". Seguindo aqui a indicação clínica de Sachs, a ruptura com o homem que carrega o ideal, a causa, o limite, introduz uma metamorfose. É o sujeito do lado direito. Não a reconhecemos mais, é uma outra - como a Brigitte Bardot de agora há pouco.

III - OS VALORES SEGUNDO OS SEXOS

Essa distribuição bifacial convida a "ressituar" os termos psicológicos dos quais nós nos servimos. Cada um desses termos, aos quais damos uma validade constante, toma, de fato, por erro, um valor distinto conforme ele se situe de um lado ou de outro.

A prudência

Tomemos por exemplo a prudência. Bem, a virtude da prudência segundo ela esteja do lado esquerdo ou do lado direito, não é a mesma.

A prudência do lado homem o que é? A prudência do lado homem é a de se proteger, de se afrontar a exceção; é a de se manter à distância. É uma prudência que tem a ver com o respeito e que supõe conhecer seu próprio tamanho. - "Você é só uma engrenagem num grande conjunto". É uma prudência que implica o cálculo. Calcular sua relação exata com os outros elementos em jogo. Aliás, isso pode ser também a

prudência excepcional, a prudência no nível da exceção, quando Aristóteles distingue o prudente maravilhoso, aquele que sabe sempre o que é necessário fazer e em relação ao que só lhe resta consentir.

O prudente por excelência, aquele que sabe sempre o que é necessário fazer, lamenta, eventualmente, que os outros não o saibam. Um exemplo são as lamentações periódicas que nos contam do general De Gaulle, o qual encontrava todas as noites o mesmo conselheiro para lhe dizer: - "É extraordinário que, em meio aos gaullistas, não haja nenhum homem de estado. Eu sou o único. Vocês todos esperam que eu fale para saber o que é necessário fazer. É o cúmulo". É, e vocês veem que, aí, não faço diferença, Lacan lamentando que não o ultrapassamos: - "E o que fazem eles, os lacanianos, ao ficar para trás?". Eis os traços da prudência, quando nós a situamos do lado masculino.

A prudência do lado mulher tem um outro acento. A prudência do lado mulher não é uma relação com a exceção e com a retorção que poderia vir da exceção. É uma relação com o abismo, com isso que se apresenta como sem limite. É uma prudência que está na borda do buraco. Isso pode ser, ocasionalmente, uma prudência apaixonada, que consiste em preservar, conservar o contingente, e não o limite estrutural. Conservar o contingente, essa existência, o ser que está ali em sua particularidade, e que é o único que pode trazer uma regulação ao conjunto.

O risco

Podemos tomar outras virtudes... Tomemos o risco.

É claro que o risco do lado homem existe. Ele consiste em afrontar o que se apresenta aqui como o mais-um da exceção. Não se afronta jamais sem medo e temor.

O risco, do lado mulher, tal como eu o evocava tem outro acento porque ele não tem mais-um. É, então, um risco quando ele é tomado para além do medo e do temor. O

primeiro risco é, de alguma forma, um risco de transgressão, enquanto o outro aparece como risco cego.

Podemos continuar com as outras virtudes do catálogo, as outras virtudes do *Tratado das Virtudes*, e perceber o acento diferente, especial, que essas virtudes clássicas - a caridade, a esperança, etc. - tomam segundo suas colocações de um lado ou de outro do quadro. Até o ponto que pode parecer uma homonímia chamar isso da mesma maneira.

Uma partilha dos gozos

As estruturas da sexuação, tal como dispostas por Lacan, foram feitas, especialmente, para permitir articular o gozo próprio a cada sexo. Quer dizer, como se tentava mostrar para as virtudes, indicar a forma diferente que o gozo recebe ao ser alojado em uma ou outra dessas estruturas. E, em particular, como o obtemos imediatamente a partir desse esquema: do lado masculino, o gozo é essencialmente finito, ele é localizável - o que Lacan designa como o gozo fálico, aquele que podemos contar, que se apresenta sob uma forma suficientemente elementar para ser enumerável - e, do outro lado, ele é gozo infinito, ao menos no sentido de não ser localizável.

Essas duas formas de gozo, repartição que recobre a própria experiência do corpo, dão conta das duas formas de amor distinguidas por Lacan, a forma fetichista e a forma erotomaniaca - e por trás dessa palavra amor é preciso escutar o *Liebe* freudiano, ou seja, amor, desejo e gozo numa única palavra. Elas são estritamente dependentes da estrutura. Ele disse isso nos anos 60, em seu texto preparatório para um Congresso sobre a sexualidade feminina.

O que essas duas formas distintas indicam? Elas indicam, segundo cada uma dessas duas estruturas, o que um sexo vai procurar no Outro, quer dizer, a forma que se

impõe a seu objeto, como indiquei na última vez, e, portanto, dois objetos, o objeto fetiche e o objeto erotomaniaco.

Um objeto que não fala e um Outro que fala

O objeto fetiche, se o inscrevemos do lado esquerdo, como convém, caracteriza-se pelo fato de ser um elemento, e ele é suscetível de se reconhecer como Um nos diversos parceiros. Dizer que ele é suscetível de se reconhecer como Um quer dizer, precisamente, que ele não é Outro.

O que distingue a forma fetichista, nesse sentido - o que já se anuncia no Lacan de 1960, com seu desenvolvimento no *Seminário: Mais, ainda* -, é um objeto que se satisfaz pelo curto-circuito da fala. O objeto fetiche é, por excelência, o objeto que não fala, o objeto inerte, o objeto de fato objetivado, objetificado, e coerente com uma exigência de gozo que admite que a fala permaneça fora do jogo.

O que se encontra na homossexualidade masculina não faz mais do que levar ao limite essa forma de objeto fetiche. É, de fato, um traço totalmente distinguido nas práticas da homossexualidade masculina que o acordo para o gozo possa se fazer por uma troca de signos que curto-circuita totalmente o blabláblá do amor. Isto acontece através de um reconhecimento, de alguma forma mudo, que dá à rede seus ares de corporação, de confraria conspiradora (o que já desenvolvemos abundantemente), e que são clinicamente fundamentados, precisamente, nesse reconhecimento de sinal entre os parceiros. Pode-se fazer amor sem falar, e essa vertente está na linha do objeto fetiche.

O homem heterossexual fala. Ele fala porque é obrigado. Ele fala porque, do outro lado, a exigência é a do objeto erotomaniaco. O objeto erotomaniaco do desejo da mulher é um objeto que tem, pelo contrário, a forma do

Outro. Quer dizer, que tem a forma do Outro barrado, enquanto o objeto fetiche, nós o representamos pelo *pequeno a*.

Num primeiro momento, Lacan privilegiou, em sua elaboração, a relação do desejo da mulher com o A barrado, com o objeto erotomaniaco, com o Outro que não é Um, e que é essencialmente o Outro que fala. É, aliás, por isso que, nessa vertente, em seu *Seminário: Mais, ainda*, ele introduz a carta de amor que nos representa essa exigência de que o objeto seja um Outro que fale - vem do lado direito do quadro. É assim que, do lado mulher, o que diz o Outro é tanto uma exigência em relação ao objeto quanto uma queixa, no caso, concernindo ao que o Outro diz.

Do lado homem também pode-se ter queixas a respeito do que o Outro diz, mas, geralmente, é porque ele fala muito ou porque exige que se diga muito. O *objeto pequeno a*, aqui, condiciona, de alguma forma, uma erótica do silêncio - seria ótimo se isso vertesse no silêncio -, enquanto, do outro lado, no lado onde vale o objeto erotomaniaco, a fala do Outro é um elemento intrínseco do gozo.

É assim mesmo que poderia parecer que o homem terá o gozo e que a mulher terá o amor. É um pouco isso que está implicado na diferença entre o objeto fetiche e o objeto erotomaniaco. É melhor dizer que, do lado mulher, o amor é tecido no gozo, que ele é, aí, indissociável.

Essa construção é coerente com a noção que coloca em questão a validade da fórmula da fantasia para os dois sexos. Lacan, em sua elaboração concentrada em seu grafo, escreve $\$ \diamond a$ para os dois sexos. Em seu esquema, não o do aparelho psíquico, mas o da relação com o Outro, ele inscreve essa fórmula como "unissex". Mas, se ela é repartida segundo os sexos, essa fórmula vale especialmente para o homem, ao mesmo tempo que, do lado mulher, convém substituir esse *pequeno a* fetiche e mudo pelo A barrado, esse Outro do desejo que tem que falar para que o sujeito

reconheça o seu objeto.

Essa repartição sexuada é também aquela que reparte o sintoma - que, bem entendido, num certo nível, vale para os dois sexos - para o lado homem e a devastação para o lado mulher. É por isso que Lacan pode escrever, nas páginas 85 e 86 de seu *Seminário: Mais, ainda*, que, do lado masculino, o *objeto pequeno a* faz o papel daquilo que vem no lugar do parceiro faltante. Dizendo isto, ele restringe a validade da fórmula da fantasia, especialmente do lado masculino, e ele tem como objetivo elaborar o que responde a isso no lado mulher. Do lado masculino, isso escreve o horizonte do gozo silencioso.

Sobre qual relação binária repousa a elaboração do gozo feminino, para fornecê-la rapidamente? Inicialmente, sobre a diferença entre o gozo fálico e o gozo suplementar. E depois, quando Lacan diz: - "Mas esse gozo suplementar é este que é próprio da mulher, é este do qual ela não diz nada...".

Mas o que se percebe, se seguimos sua elaboração? É que esse gozo suplementar, que aqui escrevemos A barrado, com efeito, tem duas faces.

É, de um lado, o gozo do corpo, porque não limitado ao órgão fálico. É um gozo que transborda o gozo localizado do órgão fálico. Mas é, em segundo lugar, o gozo da fala - ainda que Lacan não o escreva com todas as letras, mas tudo converge para isso a partir do que ele enuncia.

Um amor tecido no gozo

Com Pierre-Gilles Guéguen, acompanhamos, num momento deste ano, o capítulo V do *Seminário: Mais, ainda*, sobre a outra satisfação, a satisfação do blablablá. A tese de Lacan é que o gozo da fala, que está no significante como tal, é esse gozo feminino suplementar. É exatamente o gozo erotomaniaco, no sentido que se trata de um gozo que necessita que seu objeto fale.

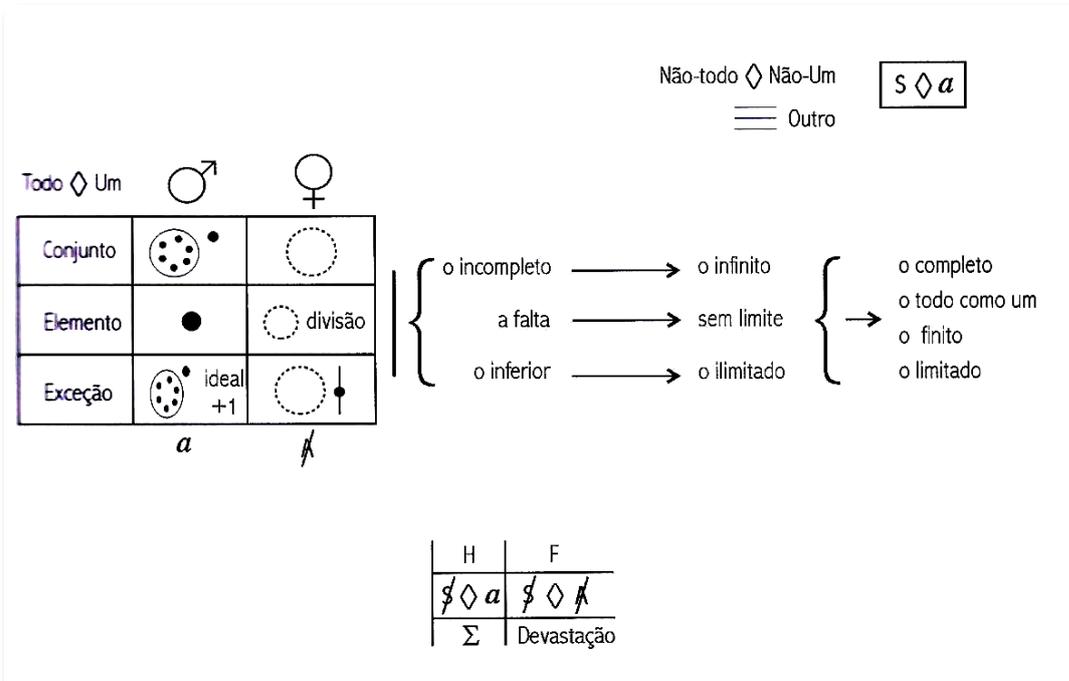
É por isso que é um gozo que necessita que se passe pelo amor, enquanto o gozo do lado masculino não necessita disso, ele não necessita do gozo da fala, o que é demonstrado quer seja pelo lugar da prostituída, quer seja pelo lugar do contato homossexual silencioso. O objeto fetiche não necessita da presença do amor, ao passo que, do lado mulher, é preciso passar pelo amor à medida que o amor fala, que o amor não é pensável sem a fala. E, ao mesmo tempo, precisamente em razão de sua forma A barrado, é um gozo no qual não há saber, um gozo do qual não podemos dizer nada, que é marcado pelo selo da ignorância.

Essa fórmula $S \diamond A$ indica o valor a ser dado à ligação entre o amor e a suposição de saber. Lacan dizia: "é para aquele a quem supomos o saber que se dirige o amor". Mas é à proporção que esse saber é suposto, é à proporção que ele não pode se explicitar, explicar-se, expor-se. É, então, aqui, um índice de ignorância que é o equivalente, o representante da suposição de saber, de um saber que permanece indefinidamente suposto. Dizemos o amor, mas o amor, do lado esquerdo, aparece sempre como um suplemento do *pequeno a*, eventualmente como um semblante que vela o *pequeno a*, enquanto o amor do lado direito tem um outro valor, inteiramente diferente. O amor, do lado mulher, é verdadeiramente um componente do próprio objeto erotomaniaco.

1º de abril de 1998⁹

Tradução: Samyra Assad.

Revisão: Cristina Drummond e Ram Mandil.



¹ N.T.: Com esse título, procuramos nos aproximar do original, *Un répartitoire sexuel*. Apesar da palavra "repartição", em nossa língua, ter também a conotação de divisão, implicando no ato de repartir, julgamos que ela remete, mais comumente, à ideia de seção ou serviço de uma organização.

² N.T.: À frase da dama *Je suis prête à tout* ("Estou pronta para tudo"), corresponde a objeção *Plutôt à pas-tout* ("Mais para não-tudo"). A tradução para o português obriga a uma distinção entre "tudo" e "todo", enfraquecendo o jogo linguístico.

³ N.T.: Em francês: *Pandore de service*. Guarda popularizado em uma canção de Nadaud: agente de polícia em serviço.

⁴ N.T.: Em francês: ... *que tout serait pour le mieux dans le meilleur des mondes*. Trata-se de uma expressão utilizada por Voltaire, em *Candide*, romance filosófico.

⁵ Lacan, J. (1953/1998) A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 701.

⁶ N.T.: Em francês: *Souvent femme varie, bien fol qui s'y fie*.

⁷ Lacan, J. (1962/1998) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, pp.734-745.

⁸ Lacan, J. (1972-1973/1985) O seminário, livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 67.

⁹ N.T.: Essas duas lições da *Orientação Lacaniana* (1997-1998) – ensino pronunciado no quadro do Departamento de Psicanálise de Paris VIII – foram estabelecidas por Catherine Bonningue e publicadas, originalmente, em francês como "Un répartitoire sexuel" na *Révue de l'École de la Cause Freudienne*, nº 40. Paris: Navarin, pp. 07-27. Posteriormente foram traduzidas ao português e publicadas, na versão que retomamos aqui, em *Clique, revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano - O sexo e seus furos*, agosto de 2003, n.2. Belo-

Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.